



## Principais desafios pedagógicos para a alfabetização das crianças

*Larissa da Silva Pereira<sup>1</sup>; Francisca Ivoneide Benicio Malaquias Alves<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este estudo aborda a alfabetização e seus desafios, refletindo a respeito de seus conceitos, principais características no decorrer da construção do conhecimento e de que forma ocorre sua influência na prática pedagógica do(a) professor(a) alfabetizador(a). Ao mesmo tempo, busca-se conhecimentos que auxiliem na superação do desafio que é alfabetizar na perspectiva do(a) docente e analisando tais desafios sob a ótica do(a) professor(a). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória baseada em autores(as) que discorreram sobre o tema. Buscou-se definir os períodos de evolução do aluno para alcançar a escrita e refletiu-se em como superar cada etapa desses períodos, respeitando as especificidades de cada criança e de acordo com o contexto em que se insere, para que ela possa elaborar suas hipóteses de construção da escrita. Percebeu-se que são necessárias atividades diferenciadas de acordo com a demanda de cada aluno e que a ludicidade e trabalho cooperativo devem fazer parte desse período. O(A) professor(a) alfabetizador(a) precisa de tempo para elaborar tais atividades, além de boa formação e empenho, sem esquecer a necessidade da formação continuada, o que leva a pensar quão desafiador é ser professor(a) alfabetizador(a) se for considerar as atuais condições de trabalho.

**Palavras-Chave:** Alfabetização; Desafios; Educação; Docente.

## Main pedagogical challenges for children's literacy

**Abstract:** This study addresses literacy and its challenges, reflecting on its concepts, main characteristics during the construction of knowledge and how it influences the pedagogical practice of the literacy teacher. At the same time, knowledge is sought to help overcome the challenge of teaching literacy from the teacher's perspective and analysing such challenges from the teacher's perspective. This is a bibliographical, qualitative, and exploratory research based on authors who discussed the topic. We sought to define the periods of evolution of the student to reach writing and reflected on how to overcome each stage of these periods, respecting the

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Brasil. larissadasilvasilva1803@gmail.com;

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Brasil. benicio\_84@hotmail.com.

specificities of each child and according to the context in which they are inserted, so that they can elaborate their hypotheses. of writing construction. It was noticed that differentiated activities are necessary according to the demand of each student and that playfulness and cooperative work should be part of this period. The literacy teacher needs time to develop such activities, in addition to good training and commitment, not forgetting the need for continuing education, which leads to thinking how challenging it is to be a literacy teacher(a) if the current working conditions are to be considered.

**Keywords:** Literacy; Challenges; Education; Teacher.

## **Introdução**

São inúmeros os(as) educadores(as) que enfrentam o desafio da alfabetização de seus alunos, considerando-se as especificidades de cada criança, suas demandas e a atenção que é necessário dispensar a todas elas.

Parece ser imprescindível que se pratique a leitura dia a dia no cotidiano escolar, o que leva o(a) aluno(a) a se familiarizar com as letras e tenha um estudo desta prática por meio de histórias, sílabas, textos e o alfabeto, para que estes elementos didáticos pedagógicos o(a) auxiliem no desenvolvimento da escrita, na produção de texto e assimilação das palavras.

Um(a) educador(a) com uma boa e contínua formação estará capacitado para renovar, buscar novos instrumentos, ferramentas e disponibilizando materiais e recursos e para desenvolver um trabalho de qualidade, uma vez que, as práticas de alfabetização passaram a valorizar um pouco mais escritos dos estudos dos alunos, mas a dificuldade persiste em planejar atividades que contribuam para o processo inicial de aquisição da escrita.

Alfabetizar é, sem dúvida, um dos mais desafiadores processos tanto para o(a) professor(a), quanto para o(a) aluno(a). É preciso que se reflita sobre as diversas etapas que compõem o processo e que se reveja os conteúdos das academias para que o(a) educador esteja melhor preparado para a rotina escolar e suas reais dificuldades.

Assim tendo acesso a diversos documentos Base Nacional Comum Curricular para preparo das aulas, considerando as diversas demandas das crianças nesta fase e as necessidades específicas de cada uma ou de um grupo verifica-se que o tempo que é empregado em alfabetizar é muito pequeno. Assim, é preciso rever as condições destes(as) docentes e refletir a respeito do que pode ser feito em termos de reconhecimento.

## Fundamentação Teórica

Alfabetizar é um processo desafiador para o(a) aluno(a) que está se alfabetizando e, também para o(a) professor(a) responsável pela alfabetização. Nesse estudo será utilizada a concepção de alfabetização referendada em Cagliari (2010, p. 05) para quem ela é explicada como “aprendizagem da escrita e da leitura”, ou, a “codificação” e a “decodificação” da escrita.

Embora seja uma forma de pensar a alfabetização que pareça simples, muitos são os desafios que o(a) docente enfrenta para que o(a) aluno(a) entenda esse processo. Um deles diz respeito ao pensamento simbólico, sendo necessário que relacione os sons da fala com as letras do alfabeto para que o(a) docente alfabetizador possa desenvolver atividades a fim de que a criança consiga compreender o que seja relação simbólica entre dois objetos. Trata-se de um processo que exige muito empenho do(a) docente e tempo para que se construa esse pensamento.

Outro conceito para que o(a) aluno(a) seja alfabetizado é que ele(a) consiga saber a diferença entre as letras, uma vez que há letras no alfabeto que tem sons bastante parecidos, assim, é preciso que o(a) professor(a) explique e as faça compreender que as letras são diferentes dos objetos que se parecem e que fazem parte do dia a dia delas:

(...) note que os objetos manipulados em nosso dia a dia não se transformam ao mudarem de posição (...). Mas um b com a haste para baixo vira p e um p virado para o outro lado vira q. (...) A criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. (LEMLE, 2009, p. 8)

É preciso, também, trabalhar a organização espacial da escrita, a criança precisa entender que, no sistema alfabético, escreve-se da esquerda para direita e de cima para baixo. Para que isso ocorra, o(a) docente pode escrever pequenos textos na lousa apontando as palavras à medida que lê as frases (LEMLE, 2009), assim, a criança memoriza a ordem da escrita. De acordo com Ferreiro (2011) é preciso oportunizar a escrita antes mesmo de dar início ao processo de alfabetização, pois as tentativas de escrita fazem com que o(a) aluno(a) elabore hipóteses e aprenda a respeito de como funciona e qual é a utilidade do sistema alfabético. Depois de trabalhar a percepção das crianças, inicia-se a alfabetização.

## Metodologia

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, de abordagem exploratória elaborada a partir de informações teóricas obtidas em obras físicas e

em meio eletrônico (artigos científicos, periódicos, dissertações, entre outros).

O método de análise de dados usa uma série de procedimentos para levantar inferências válidas a partir de um texto. Para tanta busca classificar palavras, frases ou mesmo parágrafos em categorias de conteúdo. Nesta perspectiva de análise o pesquisador forma uma versão teórica da realidade. Esta formulação teórica não apenas pode ser usada para explicar a realidade, como também provê um esquema de referência para a ação (TEIXEIRA, 2003, p. 194 *apud* ROESCH, 1996).

É um método que pode ser utilizado para explicar a realidade, assim como demonstrar uma forma para atuar. Ainda segundo a autora, em relação à pesquisa qualitativa, considera:

Os métodos qualitativos são mais indicados para as investigações de perspectiva interpretativa ou crítica. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes (TEIXEIRA, 2003, p. 186).

Realizada a leitura exploratória e a seleção do material, iniciou-se a leitura analítica, do material selecionado, que possibilitaram a organização de ideias por ordem de importância. Após a leitura analítica, iniciou-se a leitura interpretativa em busca de resultados mais amplos para ajuste ao problema da pesquisa e possíveis soluções.

Feita a leitura interpretativa iniciou-se a tomada de apontamentos que consideraram o problema da pesquisa, ressaltando ideias principais e dados mais importantes.

A seguir, os dados apresentados foram submetidos à análise do conteúdo. Posteriormente, os resultados foram discutidos com o suporte de outros estudos provenientes de revistas científicas e livros, para a construção do trabalho final.

## **Resultados e Discussão**

É preciso que o(a) professor(a) tenha claro que o processo de aprendizagem para cada aluno(a) é diferente e possui suas especificidades:

(...) o próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 90)

Desta forma, o(a) docente precisa fazer um diagnóstico de como ocorreu a aprendizagem dos(as) alunos(as) e o quanto sabem a respeito da língua escrita. Ferreira (2011) ressalta que nas hipóteses que as crianças elaboram sobre a escrita alfabética nota-se uma evolução:

- a) Hipótese Pré-silábica: a criança sabe diferenciar imagens de letras e palavras, porém acredita que existe uma relação entre as formas gráficas da escrita e seus significados. Com essa lógica ocorre com a criança o realismo nominal em que se acredita que as palavras têm relação com as características dos objetos que elas representam;
- b) Hipótese silábica: se estabelece relação entre a escrita e a fala, no qual a criança corresponde a cada sílaba falada com uma letra, sem as repetir. Existe dois eixos nessa fase, o quantitativo e qualitativo. No quantitativo a criança relaciona as sílabas com letras aleatórias, ou seja, as letras são usadas sem conceber seu valor sonoro, essas letras são, geralmente, as letras que compõem o nome da criança. No eixo quantitativo, as crianças usam as letras, geralmente vogais, conforme seu valor sonoro convencional;
- c) Hipótese silábica-alfabética: nesse período a criança se prepara para construir um novo processo de escrita, pois o processo silábico se desestabiliza progressivamente quando a criança descobre que uma sílaba é formada por elementos menores;
- d) Hipótese alfabética: ocorre a compreensão do sistema de escrita, no qual a criança consegue identificar e construir palavras, pois reconhece os fonemas da língua (DIONÍSIO; SOUZA, 2016, p. 4).

Uma vez que os(as) alunos(as) têm diferentes demandas e níveis de aprendizagem, o(a) docente encontra mais, ou seja, o de atender à todas as necessidades de sua classe e prover cada um com as melhores escolhas. “Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil conquanto professor(a)-alfabetizador(a).” (DIONÍSIO; SOUZA, 2016, p. 5 *apud* MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 91)

Para o desenvolvimento de atividades para que o(a) aluno(a) alcance a hipótese alfabética, o(a) professor(a) deve ater-se aos desafios linguísticos do processo de codificação e decodificação, sendo necessário, para tanto, desenvolver a consciência fonológica, termo utilizado para designar a “capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 73) exigindo habilidades “com níveis de complexidade variados” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 75).

A proposta de Moraes, Albuquerque e Leal (2005) é de que para cada nível haja uma atividade de consciência fonológica, pois auxiliam os(as) alunos(as) a construir suas hipóteses.

É imprescindível para que a criança faça reflexões sobre sua fala, tendo o(a) professor(a) como mediador(a) no trabalho com os fonemas, para que ela supere o realismo nominal, presente no nível da hipótese pré-silábica, e perceba, por exemplo, que a palavra rei é menor que a palavra macaco.

Desta forma, os(as) alunos(as) atingem a hipótese silábica, definindo uma letra para cada sílaba da palavra, avançando para o nível de hipótese alfabética. Nesta fase o(a) professor(a) pode fazer uso de letras recortadas para que eles(as) reflitam a respeito dos diversos sons e letras nas sílabas.

Desta forma, “para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência de partes sonoras das palavras” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 87).

Sendo alcançado o nível de hipótese alfabética, o(a) docente tem um novo desafio em relação à Língua Portuguesa, que é o fato de existir palavras faladas que não possuem correspondência com sua forma escrita. Existe certa tendência em se falar palavras terminadas com E e O substituindo-as por I e U, respectivamente, ou ser pronunciado U quando se escreve com L:

(...) o professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, no fim das palavras é a letra O que transcreve o som (u), e é a letra E que transcreve o som (i). Em relação ao fim de sílaba, ocorreu na região em que vivemos uma mudança de pronúncia do L e por isso pronunciamos como (u) essa partezinha da palavra que nossos avós pronunciavam como (l) (DIONÍSIO; SOUZA, 2016, p. 6 *apud* LEMLE, 2009, p. 20).

Embora esses sejam aspectos importantes para a alfabetização, já há a exigência de que a escola avance na questão da leitura e da escrita, uma vez que apenas conhecer o processo de “codificação” e “decodificação” não garante que os alunos tenham capacidade de elaborar e interpretar diversos gêneros textuais.

Desta forma, o “conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 16) o que traz para o(a) docente um novo desafio, qual seja, o de alfabetizar letrando.

Para o letramento são necessárias produções de inúmeros gêneros de textos que fazem parte do cotidiano social para que sejam formados leitores críticos e cidadãos capazes de interpretá-los, compreendendo a estrutura e a forma de comunicação.

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 98).

Para que sejam atendidas estas necessidades das aulas de alfabetização, estão previstos nos planejamentos didáticos a convivência com vários textos e que as palavras destes sejam

trabalhadas, para que as crianças reflitam a respeito do sistema alfabéticos da forma como abordado:

(...) assim, acreditamos que, através da atividade de planejar, podemos refletir sobre nossas decisões, considerando as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos, e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos. (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 76)

Assim, é preciso planejar, refletir e aperfeiçoar a prática pedagógica para que uma atividade de consciência fonológica aponte em que nível de hipótese o aluno encontra-se, o nível linguístico que a tarefa exige e as mudanças ocorridas na fala.

Deve-se evidenciar que as atividades desenvolvidas precisam se aproximar da realidade dos(as) alunos(as), proporcionando uma aprendizagem significativa, ou seja, “plena de sentido para o educando” (LOUREIRO, 2005, p. 55).

Ao fazer tal consideração do contexto no qual se inserem, é possível verificar a efetiva participação dos(as) alunos(as) ao desenvolver as atividades e observar as que se encontram no nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, expressando-se por meio da escrita, mas, cada um de acordo com o nível em que se encontra.

Esta atividade oferece a(o) docente base para que este conheça seus(suas) alunos(as), uma vez que durante o processo de alfabetização, o(a) professor(a) deve” (...) pensar em cada aluno, em suas características e suas necessidades, para desenvolver atividades que permitam intervenções pedagógicas mais específicas em determinados momentos” (GONÇALVES, 2016, p. 54). Desta forma, antes da sequência de atividades é preciso que seja realizada uma atividade de sondagem, o que permite a(o) professor(a) coletar dados sobre seus alunos e perceber o nível da escrita em que se encontram.

### **A importância do letramento**

A alfabetização não pode se resumir a decodificar símbolos em sílabas e palavras, deve fazer parte de um contexto que o leitor possa compreender, ou seja segmentos sonoros da palavra. Entre ler e entender o que leu há uma distância, que é a diferença entre a apropriação do sistema de escrita alfabética com análise fonológica e a consciência da interpretação do que lê e como aquilo pode relacionar com seu saber já elaborado e transformar este saber por um novo, ou trazer um conteúdo inédito para ser elaborado e iniciar a reflexão sobre o novo. Ou



seja, alfabetizar letrando é o ideal para desenvolver um aluno que reflete sobre o que lê e compreende a leitura criticamente.

Não se pode separar a decodificação de símbolos por meio de etapas, ou seja, alfabetização, da leitura efetiva. Assim não se pode formar leitores e escritores, separando alfabetização do letrar, são sim coisas distintas mas devem caminhar juntas, apenas o convívio intenso com o ensinar a ler e escrever partindo da realidade desta sociedade em que o aluno vive, e proporcionar ao mesmo textos e leitura de todo tipo de gêneros textuais, com estímulo a interpretação crítica de texto por meio de atividades que seja solicitado ao aluno ler e criar diferentes tipos de textos, sendo autônomo reflexivo sobre a sociedade na qual atua e da leitura que faz.

De acordo com Kleiman (2005, p. 11), o letramento não é alfabetização, porém, a inclui, ou seja, letramento e alfabetização estão associados.

Segundo Soares (2004, p. 90), pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição da alfabetização e do desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes, de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita – letramento.

O livro *A Psicogênese da Língua Escrita* de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, escrito no final dos anos 70, revolucionou o conhecimento sobre a alfabetização. De acordo com as autoras, adquirir as habilidades de ler e escrever depende de como a criança se relaciona com a cultura escrita.

Para Soares (2010, p.39), é da necessidade que a sociedade tem para nomear coisas e objetos que a palavra “letramento” nasceu caracterizando aquele se utiliza do ler e do escrever, respondendo às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do dia a dia. Atualmente, o fato de saber ler e escrever de forma mecânica não dá garantia da interação plena com os diferentes tipos de textos. É preciso entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Embora seja alvo de vários estudos, o conceito de letramento ainda não está incluso em todos os dicionários, ou na linguagem da mídia, uma vez que só angariou admiradores há pouco tempo no Brasil. Nos anos 70, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), recomendaram o uso da expressão “analfabetismo funcional” designando quem sabe apenas ler e escrever, mas não consegue utilizar essas técnicas no dia a dia.



No Brasil, esse termo só passou a ser usado a partir de 1990 e, hoje não se considera alfabetizado quem consegue apenas escrever e ler seu próprio nome, como era no passado, mas quem sabe escrever um bilhete simples (estatística IBGE, 2000).

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia; não basta aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita... (SOARES, 1998 p. 45-46).

De acordo com os estudiosos do assunto, um estudo aprofundado do letramento, facilitaria o desempenho das pessoas na escrita e na assimilação da leitura proporcionando melhor aproveitamento do que foi estudado, para ser colocado em prática diariamente, uma vez que o letramento está relacionado ao uso da leitura e da escrita, na vida em sociedade. Já para Tfouni, estudos sobre o letramento:

Não se restringe somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos. Pois, a ausência tanto quanto a presença da escrita em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações sociais, culturais e psicológicas às vezes radicais (TFOUNI 2006, p. 21),

Para Soares (2010, p. 21) letrar é ensinar a ler e escrever num contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, não bastando apenas juntar letras para formar palavras e reunir palavras para formar frases, mas, compreender o que se lê, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles.

Ao iniciar o aprendizado de noções matemáticas, por exemplo, as crianças, antes da escola, quando ordenam objetos variados, estão iniciando seu aprendizado do uso social dos números em diversas situações de contagem e das atividades sociais relacionadas aos atos de comprar e vender.

Soares, em seu livro: “Letramento: um tema em três gêneros” publicado em 2010, exemplifica como um adulto analfabeto pode ser letrado, quando utiliza a escrita para escrever uma carta por meio de outra pessoa alfabetizada, ressalta-se que é o próprio analfabeto que dita o texto, utilizando os recursos necessários da língua para se comunicar, demonstrando, com isso, que conhece as estruturas e funções da escrita.

Quando ele pede para alguém ler uma carta que recebeu, ou um texto com informações importantes para ele, o mesmo acontece, ou seja, essa pessoa possui certo grau de letramento devido a sua experiência de vida numa sociedade permeada pela escrita, logo este é letrado, porém não plenamente.

Cita, ainda, outro exemplo, que é o de uma criança que, sem ser alfabetizada finge ler um livro, vai correndo o dedo na linha da escrita e faz entonações de narração da leitura, até com estilo, essa criança é letrada, porém não alfabetizada.

Porém, existem pessoas que apesar de alfabetizadas, têm dificuldade para interpretar textos lidos, deixando clara a existência de diferentes níveis de letramento e ligados às necessidades e exigências de uma sociedade e de cada indivíduo no seu meio social. Leal está de acordo com Soares (2010) quando diz: (...) letramento não é uma abstração, ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas (LEAL, 2004, p. 51).

De acordo com por Denise Pellegrini, em uma reportagem escrita na revista Nova Escola (09/2001, edição 145), para ler e escrever verdadeiramente, não basta somente ensinar os códigos de leitura e escrita, é necessário tornar os estudantes capazes de compreender o significado dessa aprendizagem para usá-la no dia a dia atendendo às exigências da própria sociedade, ou seja, promover o letramento tanto quanto a alfabetização.

O indivíduo letrado é capaz de se instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações, aquela que mais interessa a ele, daí a importância do letramento para a conquista da cidadania.

Segundo Soares (2008, p. 57), existem pessoas que se preocupam com a alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. O que se constitui num grave problema. A escola deve proporcionar as condições necessárias para o letramento, pois, embora ela não forma leitores sozinha, sabe-se que a instituição educacional é, também, fundamental para auxiliar nessa formação já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas não aprendem a usá-los. Desta forma, a tarefa de alfabetizar letrando significa subsidiar aos alunos o preparo para usar vários tipos de linguagem em qualquer situação, numa escolarização real e efetiva, desenvolvendo habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso, de forma mais eficiente das capacidades técnicas de leitura e de escrita.

Ainda de acordo com Soares, o letramento é responsabilidade de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, e não só do professor de Língua Portuguesa, uma vez que cada área tem suas peculiaridades, que são dominadas pelos professores que nela atuam.

É primordial que os educadores ampliem sua visão sobre esse tema, inserindo os alunos em outros ambientes que levam ao letramento como: a dança, a música, a pintura, etc., o que possibilita a criação do sentimento de cidadania, já que o indivíduo conhece ou passa a ter acesso a diferentes formas de aprendizagem e também de conhecimentos culturais. Aos professores cabe transformar o aluno alfabetizado em uma pessoa letrada o que acontece por meio de diversos tipos de leituras, exercícios de interpretação e compreensão, além de outras ferramentas como revistas, jornais, internet, etc.

O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita na escola deve ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere, assim, ensinar na perspectiva do letramento significa levar o aluno a ser um usuário consciente de que cada habilidade linguística tem um espaço específico de uso, ocorre de forma diferenciada e deve estar adequada à situação de comunicação.

De acordo com Kleiman (2005, p.18), o letramento é complexo, envolvendo múltiplas capacidades e conhecimentos, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura escolar, mas com a leitura de mundo, uma vez que, o letramento inicia-se quando uma pessoa começa a interagir socialmente com práticas de letramento no seu mundo social.

Como vemos em Soares (2010), quando uma criança nasce numa sociedade grafocêntrica, rodeada de material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita, vão conhecendo e reconhecendo desde cedo o sistema de escrita, diferenciando-o de outros sistemas gráficos (como desenhos, por exemplo), quando ela chega à escola, cabe à educação formal orientar metodologicamente esses processos, e a educação infantil é só o início dessa orientação, pois, o letramento é um processo que se estende por todos os anos de escolaridade e mais que isso, por toda a vida.

Alfabetização e letramento são processos que caminham juntos, porém o letramento, como já foi visto, antecede a alfabetização, permeia todo o processo e continua a existir após a alfabetização.

Já, de acordo com Kleiman (1995, p. 7-8), nas sociedades tecnológicas e industrializadas, a escrita é onipresente, integrando cada momento do cotidiano de forma tão familiar, que seu uso passa despercebido para os grupos letrados. Ao realizar uma compra no supermercado, por exemplo, escrevemos uma lista dos produtos que precisamos e, no local das

compras, lemos e comparamos rótulos, preços, datas de validade, ingredientes e cartazes promocionais, usa-se, ainda, um método para calcular e fazer contas e depois de tudo isso preenchemos um cheque.

São atividades que, para uma pessoa letrada, são apenas mais uma forma de se comunicar com os outros e agir sobre o meio, quase tão automáticas que não requerem grandes esforços de concentração ou interpretação, porém, são um imenso obstáculo, para brasileiros não-escolarizados. Essa escrita representa, entretanto, somente uma das funções mais básicas da escrita e da leitura, já o domínio de outros usos da escrita significa, por exemplo, o acesso a outros mundos públicos como o da mídia ou tecnologia, e por meio deles a possibilidade de acesso ao poder, nesse momento, estudos sobre o letramento se voltam para a transformação de ordem social.

As instituições próprias de uma sociedade globalizada e tecnológica são consideradas agências de letramento, englobando uma grande variedade de modos discursivos, de gêneros textuais e práticas de leitura como a família, a escola, a igreja, o local de trabalho, a rua, a internet, os sindicatos, etc.

A questão do letramento, atualmente, tem sido colocada em evidência, em função da mudança rápida das demandas sociais de leitura e de escrita, com cada vez exigências de conhecimento e de elaboração de conhecimento.

### **A alfabetização e a ludicidade no processo**

A alfabetização, na vida escolar, é um dos mais importantes processos, tendo em vista a importância da expressão da linguagem, que favorece “as relações pessoais e institucionais e a participação da vida em sociedade” (BRASIL, 2016, p. 86), sendo o meio pelo qual as pessoas “(inter)agem no mundo e constroem significados coletivos” (BRASIL, 2016, p. 86).

No entanto, sabe-se que existem inúmeras instituições nas quais este processo acontece de forma maçante, sem a ludicidade que é de extrema importância nos processos de ensino e aprendizagem, não sendo diferente no processo de alfabetização.

Levando em conta este conceito, no decorrer do projeto de alfabetização, pode-se desenvolver jogos de tabuleiro, por exemplo, nos quais a criança escreva nomes de animais ao final do jogo e os relacione ao final. Assim, de modo lúdico mobiliza-se conhecimento, pois por meio do jogo manteve-se a atenção das crianças, incentivando-as a realizar a atividade por intermédio da prática de escrita.

Desta forma, pode-se incluir ludicidade ao processo de alfabetização, o que requer um(a) professor(a) criativo(a) ao elaborar seu planejamento, para que a alfabetização não seja maçante ao mesmo tempo em que não seja somente uma brincadeira, pois o objetivo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é:

(...) garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letamentos. Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201029, “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010) (BRASIL, 2018)

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares em todo território nacional. Por isso, é importante para a promoção da igualdade no sistema educacional, colaborando para a formação integral e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Porém, são crianças com idades entre quatro e cinco anos, segundo art. 6º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que tornou obrigatória a matrícula de crianças a partir dos quatro anos de idade no primeiro ano da educação básica: “Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade” (BRASIL, 2013).

Ou seja, são crianças que estariam na pré-escola, onde aborda-se a ludicidade com frequência e de acordo com o desenvolvimento das crianças. Com isso em mente, não abordar a ludicidade no decorrer do processo de alfabetização seria um equívoco.

## **Considerações Finais**

Alfabetizar é desafiador para o(a) professor(a) sendo o que levou ao estudo e a busca de como superar tal desafio frente à perspectiva do(a) docente e, com o objetivo de caracterizar e identificar os desafios da alfabetização no decorrer do processo, propondo soluções possíveis para sua superação.

Há deficiência em relação às metodologias alfabetizadoras na formação inicial sendo necessário uma ênfase maior em disciplinas que abordem o tema e, conseqüentemente, um

período de tempo maior, uma vez que um curto espaço de tempo restringe tal aprofundamento destas questões.

A criança deve ser desafiada a desenvolver na alfabetização, para tanto devemos primeiro entender por meio de diagnóstico de sondagem, qual etapa a criança se encontra e assim proporcionar ferramentas necessárias para progredir nas etapas silábicas.

O papel do(a) professor(a) é fundamental para se alcançar êxito no progresso das etapas de nível hipotético silábico, é sua função como mediador do conhecimento estimular os(as) alunos (as a manter-se em situação desafiante a todo o momento para que desperte a busca sempre do novo conhecimento.

A cultura familiar que o(a) aluno(a) traz em suas experiências, interfere na sua aprendizagem escolar, já que entendemos que o(a) aluno(a) é um ser único, que troca informações, elabora conhecimentos e assim atua na mudança da sua realidade.

Contudo conclui-se que a alfabetização, leitura e escrita, e suas hipóteses silábicas, não é um conteúdo disseminado a ser alcançado na vida escolar do(a) aluno(a), e sim uma condição que se dá na vida da criança como um todo, iniciando já com seu nascimento, lendo o mundo a sua volta com formas e símbolos, e elaborando por meio de desenvolvimentos cognitivos e linguísticos, os processos de leitura e escrita. Decodificando símbolos gramaticais, para assim se inserir na sociedade letrada, podendo se relacionar socialmente também, por meio da leitura e escrita.

O acesso à cultura escrita contribui para minimizar diferenças socioculturais, fazendo com que os(as) alunos(as) das escolas públicas também tenham acesso e participem de atos de leitura e escrita desde o início da escolarização, envolvendo as crianças em atividades que os façam pensar e compreender a escrita, levando-os, no final dessa etapa, a serem naturalmente alfabetizados, ou preparados para novos passos como leitores e escritores.

Dar oportunidade, respeitar a ânsia de saber das crianças, sempre partindo do lúdico, só poderá trazer benefícios neste universo de letras em que vivemos.

## Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm). Acesso em: 22 mar. 2022.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione. 11ª ed. 2010.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, A. V. Alfabetizar: por onde começar? In: GOULART, C. M. A.; SOUZA, M. L. (coord.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. Campinas: Papirus. 2016.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Ministério da Educação. São Paulo: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005. Disponível em: [http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/preciso\\_ensinar\\_letramento-Kleiman.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/preciso_ensinar_letramento-Kleiman.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.

LEMLE, M. **Guia teórico do Alfabetizador**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

LOUREIRO, S. A. G. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em: <http://www.portalceel.com.br/publicacoes/#ancora>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SILVEIRA, T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: SILVEIRA, T.; CÓRDOVA, F. P. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2, p. 31-42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SOARES, M. **Letramento e escolarização**. In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro. 2ª ed. São Paulo, Global, 2004

TEIXEIRA, E. B. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em questão. Editora Unijuí. 1 ano, nº 2. 2003. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84/41>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

PEREIRA, Larissa da Silva; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. Principais desafios pedagógicos para a alfabetização das crianças. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2022, vol.16, n.63, p. 749-763, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 14/10/2022; Aceito: 25/10/2022; Publicado em: 31/10/2022.